

O ESTUDO OPERATÓRIO DA REFLEXIVIDADE THE OPERATIVE STUDY OF REFLEXIVITY

Recebido: 22/10/2024 Aprovado: 04/02/2025 Publicado: 22/02/2025

DOI: 10.18817/rlj.v8i3.3909

Fatima Graziele de Souza¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-8015-9414>

Albano Dalla Pria²

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-7033-3041>

Resumo: Nosso objetivo, neste trabalho, é reorientar o estudo da reflexividade do pronome SE da língua portuguesa para um ângulo perceptivo que difere do projeto teórico da gramática normativa. Fundamentamos o desenvolvimento da reflexão na proposta de Antoine Culioli, proponente da Teoria das Operações Predicativas Enunciativas (CULIOLI, 1990, 1999a, 1999b). Nessa direção, visamos observar como o valor (reflexivo) da unidade se determina em razão dos modos pelos quais ela é colocada em relação com outras unidades. Nesse caso, buscamos visualizar o processo pelo qual um dado conteúdo de pensamento toma corpo e se transforma em representação na relação intersubjetiva. Nossa metodologia se baseou na atividade de reformulação, também denominada de glosagem ou parafrasagem (FRANCKEL, 2011). Por meio dos procedimentos de reformulação pudemos esboçar um sistema de representação metalinguística para o funcionamento de SE em que procuramos dar ênfase à hipótese de que a reflexividade em língua não é exclusiva do SE, ainda que às vezes possa parecer. Observamos que, no enunciado estudado, a reflexividade de SE atrelada ao marcador cortar é dependente das marcas de asserção do contexto encaixante que permite se passar de uma possível reflexividade (projeção de predicado) para uma reflexividade de fato (ocorrência de predicado).

Palavras-chave: Se; Cortar; Reflexividade; Operações; Significação.

Abstract: Our objective in this work is to redirect the study of the reflexivity of the pronoun SE in the Portuguese language to a perceptive angle that differs from the theoretical project of normative grammar. We base the development of the reflection on the proposal of Antoine Culioli, proponent of the Theory of Enunciative Predicative Operations (CULIOLI, 1990, 1999a, 1999b). In this direction, we aim to observe how the (reflexive) value of the unit is determined by the ways in which it is placed in relation to other units. In this case, we seek to visualize the process by which a given thought content takes shape and is transformed into representation in the intersubjective relationship. Our methodology was based on the reformulation activity, also called glossing or paraphrasing (FRANCKEL, 2011). Through the reformulation procedures, we were able to outline a system of metalinguistic representation for the functioning of SE in which we seek to emphasize the hypothesis that reflexivity in language is not exclusive to SE, even though it may sometimes seem so. We observed that, in the statement studied, the reflexivity of SE linked to the marker cut is dependent on the assertion marks of the embedded context that allows us to move from a possible reflexivity (projection of predicate) to a reflexivity in fact (occurrence of predicate).

Keywords: Se; Cut; Reflexivity; Operations; Meaning.

¹ Doutora em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres. Membro do Grupo de Pesquisa CNPq: Variação e invariantes na linguagem. Professora de Língua Portuguesa, lotada na Secretaria de Estado de Educação - SEDUC/MT. E-mail: fatima.graziele@unemat.br

² Pós-doutorado em Linguística pela Universidade Nova de Lisboa. Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP/Araraquara. Docente da UNEMAT/Campus de Alto Araguaia e do Programa de Pós-graduação em Linguística da UNEMAT/Cáceres. Coordenador do Grupo de Pesquisa *Variação e invariantes na linguagem* (CNPq). E-mail: albano.pria@unemat.br

Introdução

[...] no início é o olhar que interroga as coisas.
(MERLEAU-PONTY, [1964] 2014, p. 105).

A proposta do trabalho, aqui apresentado, resulta de uma investigação acerca da reflexividade atribuída ao pronome SE. Assumimos, como ponto de partida, para a compreensão do pronome SE, em língua portuguesa, a enunciação enquanto processo pelo qual o enunciado se constrói. Logo, nem o enunciado nem a enunciação são algo pronto e acabado, mas são perspectivas ora pontual ora alargada de um processo mais amplo que é o processo de construção de significação (CULIOLI, 1967).

Reiteramos que a base desse processo encontra-se sustentada por operações definidas por Culioli (1990, 1995, 1999a, 1999b) como operações predicativas e enunciativas. Mais do que explicitar tais operações, nosso objetivo foi observar os modos pelos quais tais operações sustentam os valores que se encontram estabilizados nos enunciados com SE, ou em outros termos, pretendemos visualizar o trabalho do sujeito ao relacionar formas quando produz e interpreta textos orais e escritos em situação prática de fala.

Posto isto, partimos da seguinte indagação: O valor reflexivo é um dado para o pronome SE ou esse valor é um construto da atividade de linguagem dos sujeitos enunciadore (produção e o reconhecimento de formas)?

Em primeiro lugar, destacamos que está consolidado o estudo da reflexividade atribuída ao pronome SE sob o ângulo perceptivo da gramática normativa, no qual, se caracteriza a reflexividade ora como uma operação lexical responsável pela alteração da grade argumental do verbo ora como uma operação sintática estabelecida entre um verbo e um pronome num processo anafórico ora como resultado do processo interpretativo da junção de operações que abarcam léxico e sintaxe.

Por isso, enfatizamos que a nossa reflexão distancia-se dos pressupostos lógico-gramaticais por preocuparmo-nos com os percursos enunciativos marcados por operações em que o sujeito enunciadore, em determinada situação de enunciação (ajustamento), busca significar e construir sentidos.

Entre esta Introdução e a Conclusão, outras três seções compõem este trabalho. Na seção que segue à Introdução, oferecemos ao leitor uma síntese do

projeto teórico de Antoine Culioli, nomeadamente, no Brasil, como Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE). Na sequência apresentamos um breve recorte dos estudos gramaticais acerca da reflexividade de SE. Na terceira seção apresentamos as manipulações para o marcador cortar junto ao pronome reflexivo SE.

A articulação da linguagem com as línguas naturais

O fazer científico na perspectiva culioliana questiona a visão de comunicação linear, de informação calibrada pelo léxico, que toma a linguagem, em termos behaviorista, de estímulo e resposta, como instrumento de transmissão e condução comportamental de um sujeito para o outro. Isto é, uma relação imutável entre a atividade mental (construção de representação) e os objetos do mundo.

Nessa direção, o trabalho do linguista na perspectiva da TOPE é se colocar como sujeito que produz e reconhece formas, produzir observações acerca dos movimentos (é o mesmo; é diferente; é o mesmo com modulações; é aceitável; é inaceitável); proliferar os significados, multiplicar os exemplos dos enunciados possíveis e impossíveis, restituir, em certa medida, a vida as palavras anteriormente, enterradas no léxico.

O trabalho de refinamento das glosas, enquanto atividade metalinguística consciente, permite teorizar fatos antes imperceptíveis ao olhar acostumado, ao problematizá-los o linguista teoriza os processos de produção e reconhecimento de formas em sua relação com a atividade de linguagem.

Advém dessa constatação a orientação culioliana de que a linguística deve se ocupar do estudo da atividade de linguagem apreendida por meio da diversidade das línguas naturais. Considera-se, nessa direção, que as línguas, enquanto produto histórico, empírico, são o único caminho para acessar o domínio da atividade de linguagem, definida como a capacidade humana de representar, referenciar e regular.

A atividade de representação se constitui em classificar, comparar (diferenças ou equivalências), avaliar objetivos e recursos. Visa estabelecer ordem espacial e temporal que cada indivíduo constrói, em razão do seu contato com os objetos, ao seu pertencimento a uma dada cultura e à sua relação com o outro (o outro como o mesmo; o outro como diferente).

Por meio do exercício de tipificação³, o sujeito constrói aquilo que Culioli denomina como noções. Trata-se de um conceito que remete ao domínio da cognição, e é passível de ser reconstituído (simulado) pelo material verbal dos textos.

Se, por um lado, o domínio da atividade de representação é estritamente centrado e subjetivo, por outro lado, a esfera da referenciação comporta aquilo que é “objetivo e descentralizado” (REZENDE, 2010, p. 13). Trata-se, no último caso, de estabelecer relações (não simétricas ou lineares) entre o elemento do domínio linguístico e o elemento do domínio extralinguístico, na tentativa de elaborar coordenadas que auxiliarão no estabelecimento de valores referenciais atribuídos ao enunciado.

Por fim, a atividade de regulação se organiza mediante o diálogo com o outro, com o diferente. Ela compete ao espaço do domínio intersubjetivo. É por meio da regulação que o enunciador adequa seu discurso em relação ao seu coenunciador. Não se trata de uma relação simétrica e objetiva. O coenunciador não é imagem refletida do enunciador. Ambos regulam suas representações a fim de que sejam compreendidos, interpretando, determinando valor para as formas empregadas na situação enunciativa.

Ambiguidades, hesitações, tiques e retomadas mostram, de forma clara, a busca constante de regulação no jogo enunciativo. A separação entre sentido e referência em uma ambiguidade considerada, intransponível, por alguns estudiosos, traz à tona todo o movimento e plasticidade da atividade de linguagem. O termo só adquire sentido quando referenciado na situação enunciativa e regulado quanto àquilo que se intui que o coenunciador possa compreender.

A reflexividade de SE pelo viés tradicional

A partícula SE tem lugar cativo e controverso na vasta bibliografia dos estudos gramaticais e linguísticos. Reiteramos que não pretendemos esgotar a discussão e nem questionar a viabilidade dos estudos sintetizados nesta seção. Temos a compreensão de que a investigação científica comporta escolhas e percursos teóricos distintos. Consequentemente, a obtenção de resultados diversos, algo saudável e

³ O trabalho de tipificação corresponde a organização simbólica das representações subjetivas de cada ser humano. Cada indivíduo, com seu modo particular de experimentar o mundo físico e mental, constrói representações mentais.

necessário em contexto democrático de pesquisa que suporta a pluralidade de pensamento.

Em breve recuo diacrônico, Coelho (2016), ao retomar algumas acepções etimológicas providas de dicionários de língua portuguesa datados a partir do século XVIII até a atualidade, observa que:

[...] o termo *SE* tem como origem: do lat. *se*. Entretanto, deve-se fazer algumas observações: em Constâncio (1836), a forma latina *se* seria uma variante do pronome de 3ª pessoa, que corresponde ao dativo *sibi*; Houaiss (2009) afirma que *se*, no latim, seria o acusativo do pronome reflexivo de 3ª pessoa *sui, sibi, si*; em Cunha (2010), o *sē* teria se originado do francês *suicide*, derivado do lat. *suī*, genitivo de *sē*. Isso sugere que a forma *se* encontrada no português, com caráter reflexivo, originou-se de *sui*, uma derivação da forma latina *se*. Ao que parece, a forma em português manteve-se conservadora, remetendo à primeira forma latina, expondo certo eruditismo no português (COELHO, 2016, p. 20).

A pesquisa etimológica permite-nos inferir reflexões que vão além da tendência evolutiva da criação de novas palavras ou da alteração/ampliação de significação de um determinado termo linguístico. Pensamos, na esteira de Rezende (2000, p. 91), que “são as línguas naturais, enquanto memória coletiva, que guardam o trabalho de abstração e de organização da experiência [...] que oferecem às gerações seguintes as conquistas da geração atual”. Em síntese, as pesquisas linguísticas de cunho histórico dão por conhecer as sínteses das experiências marcadas nos sistemas de representação (língua natural) que foram construídos ao longo da trajetória humana.

Em uma breve referência aos estudos históricos, mencionamos que é fato unânime: as gramáticas latinas descrevem o pronome *SE* como um termo linguístico com valor reflexivo. Em *Compêndio de Gramática Latina*, encontramos a acepção de que “o pronome reflexo refere-se ao sujeito da oração de que faz parte” (ALMENDRA, FIGUEIREDO, 1999, p. 70). Notemos que se afirma que a partícula *SE* marca a identidade entre sujeito e objetos gramaticais.

Nas gramáticas de língua portuguesa observa-se que a definição provida do latim permanece. Ribeiro (1920), ao discorrer sobre os pronomes pessoais da terceira pessoa, aponta o uso do pronome *SE* como reflexivo, dizendo que:

[...] a fôrma da terceira pessoa pronominal denomina-se pessoa reflexiva, que é a que ocorre no *discurso indicando relação de identidade com o sujeito*. Esta pessoa é determinada pelos acusativos das duas primeiras, *me*, *te* e por uma fôrma *se* (RIBEIRO, 1920, p. 27, grifo nosso).

Vejam os que a reflexividade, na percepção do gramático, diz respeito à identificação da pessoa do sujeito com o complemento verbal, que se constrói mediante o uso dos pronomes *me, te, se*. Na concepção do estudioso, basta o uso de *SE* para se recuperar a função anafórica de sujeito sintático da frase cuja nomeação é de reflexivo.

Por sua vez, Said Ali (1966, p. 51) na *Gramática Elementar da Língua Portuguesa* explicita que a reflexividade consiste no uso do “pronome oblíquo que se refere ao próprio sujeito. As formas oblíquas dos pronomes pessoais *eu, tu, nós e vós* servem igualmente de pronomes reflexivos. Para a 3^o pessoa e para os tratamentos o senhor, você, etc., existe como reflexivo *se, si, consigo*”. Cite-se como exemplo: *Ele fere-se (ou a si mesmo); Você fere-se (ou a si mesmo)*.

Registremos, ainda, outra colocação de Said Ali (2008, p. 103, grifo no original) ao retomar a problemática da reflexividade com o pronome *SE*, mencionando exemplos como: “*Pedro matou-se* (sentido reflexivo); *eles odeiam-se* (ação recíproca); *o homem foi-se* (significação mais enérgica do que em *ele foi*); e, finalmente, *anda-se, compra-se, vai-se* (fórmulas destinadas a calar o nome do agente)”.

A partir das orações ilustradas, o estudioso apresenta as seguintes considerações:

Distingue o gramático em geral o primeiro destes sentidos somente por ver o pronome reflexo junto a um verbo transitivo sem lhe alterar a significação. Ele adquire a noção de reflexividade indiretamente, comparando, isto é, lembrando-se que tanto poderia ser objeto o pronome *se* como um pronome pessoal, *o, a, os, as*, etc. [...] Em *aflingir-se, aborrecer-se, excitar-se* e tantos outros, não concebemos a pessoa como agindo ou praticando tal ou tal ato sobre si; o que aí se enuncia é um *estado d'alma*, um afeto, um sentimento, do mesmo modo que nos verbos *ufanar-se, arrepender-se, admirar-se*, etc. [...] Não raro o reflexivo tem de ser considerado como objeto indireto (dativo de interesse): *ele arroga-se o direito de punir, deu-se pressa em responder, propôs-se descobrir o caminho; seguirei o sistema que a princípio me propus*. [...] Em certos verbos, principalmente alguns intransitivos, o pronome reflexo não faz outra coisa senão mostrar que o sujeito participa intensamente da ação. *Ele riu-se* é mais do que *ele riu*; e no pensamento *foram-se para o céu* nota-se um matiz que já não aparece em *eles foram para o céu* (SAID ALI, 2008, p. 103-104, grifo no original).

Dentre o exposto pelo estudioso, chama-nos atenção sua constatação de que a reflexividade se constrói a partir dos pronomes nomeados reflexivos e que a reflexividade quando o sujeito pratica a ação sobre si mesmo é uma noção relativa, indireta, adquirida tendo como exemplo, a situação apresentada com os verbos “*afligir-se*” e “*aborrecer-se*”.

Parece-nos que ele pretende sustentar a hipótese de que o uso sintático do SE reflexivo nem sempre equivale ao valor de reflexividade semântica. Na direção inversa ocorreria o mesmo, pois quando, supostamente, temos reflexividade semântica, nem sempre significaria que temos correspondência direta (o mesmo) entre agente e paciente, podendo ser que agente e beneficiário o sejam, tais como no exemplo: João aborreceu-se com a notícia.

Prosseguindo, Bechara (2010, p. 144, grifo nosso) pontua que a reflexividade consiste, em “essência, na inversão ou (negação) da transitividade da ação verbal”. A ação denotada pelo verbo não passa a outra pessoa, mas reverte-se à pessoa do próprio sujeito, assim ele se torna agente e paciente ao mesmo tempo. Como exemplo oferece a oração, “João se banha”, em que a experiência de mundo do sujeito que interpreta admite a hipótese de João banhar a si mesmo e João banhar outro diferente de si, como na oração, “João banha o filho pela manhã”. No entanto, a reflexividade própria ocorre somente na primeira interpretação.

O gramático adverte que o significado construído em língua pode se desdobrar em outras acepções, especialmente nas ocorrências com o pronome SE, dependendo das unidades linguísticas e suas combinações em dado contexto situacional. Para tanto, introduz a categorização de reflexividade recíproca, que não é um valor próprio da língua, por ser dependente de interpretações contextuais.

Essa constatação corrobora a assertiva de que a reflexividade recíproca se constrói não porque a ação do sujeito se reverte sobre si mesmo, mas porque temos uma relação de identidade entre sujeito e objeto, como em, “João e Maria se amam”, em que ambos são, simultaneamente, agentes e pacientes da ação de amar.

A retomada dos argumentos dos gramáticos acima permite-nos observar como “é o ponto de vista que cria o objeto” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 15). A atividade do gramático por se construir num domínio heterogêneo, recorta ocorrências que julga ser o resultado expressivo de um determinado fenômeno (objeto).

Esses estudos pretendem construir uma descrição do sentido das formas linguísticas, assumindo como diretiva a concepção de que tais formas, em particular o SE, por veicularem sentido, incluem-se em uma dada categoria gramatical, a reflexividade. Observemos que ter sentido pressupõe ter estabilidade.

As acepções dos manuais mencionados sustentam-se na afirmativa unânime de que a reflexividade se constrói mediante a presença de SE, seja com a presença obrigatória da partícula, seja com a presença acidental (quando o verbo é transitivo e

o pronome se junta a ela para indicar reflexividade). Isto é, a reflexividade, propriamente dita, é um fenômeno construído inteiramente pela presença do pronome junto ao verbo.

Portanto, a reflexividade atribuída ao pronome SE no domínio epistemológico da gramática tradicional valoriza as relações sintáticas e independente da alternância dos critérios classificatórios ou da profusão de taxonomias orienta que se reconheça o valor reflexivo da partícula como produto isolado.

Nessa perspectiva assume-se que: primeiramente, temos uma estabilidade fundamental entre a unidade e o valor; secundamente, temos uma estabilidade fundamental nas relações intersubjetivas.

Pergunta-se, quais as implicações de tal posicionamento? Uma vez que a relação entre a unidade e o valor não flutua, também não há espaço para se observar alguma margem de modulação do conteúdo (variação espaço-temporal) ou para se observar a asserção (variação nos modos de validação; variação nas tomadas de posição sobre o conteúdo). Em suma, a linguagem está fundamentada pela estabilidade.

Dada a problemática levantada, passemos, na seção seguinte, a manipulação do enunciado com SE reflexivo em articulação com o marcador cortar orientados pela metodologia da construção de um sistema de representação metalinguística que, por meio do trabalho de manipulação de enunciados, possibilita a construção de paráfrases do enunciado de partida. Por um lado, as paráfrases trazem alguma margem de variação sobre a relação forma-conteúdo e, por outro lado, dão visibilidade àquilo que permanece constante sob variações sucessivas, tais como variações das formas verbais, aspectuais e modalizações.

A reflexividade de SE pelo viés da TOPE

Enunciado: Fádía não empolgou com o duo de trouxinha à carbonara, julgado por Fogaça e Jacquín como muito gorduroso. **Eliane, enquanto fazia o prato se cortou e precisou interromper o preparo** para ser atendida por um enfermeiro, apresentou uma carbonara leve com tomate e não agradou⁴.

⁴ Disponível em:
http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2016/10/05/internas_viver,668407. Acesso em: 10 out. 2018.

Vejamos:

(a) Eliane cortou ()

(b) Eliane se ()

Nos estudos tradicionais define-se que o termo Eliane é sempre dotado de agentividade (origem dotada de força suficiente e necessária para, através de um certo evento, se obter a transformação de um objetivo). Por sua vez, cortar remete à transitividade (processo pelo qual sempre se obtém transformação de um objetivo). Quanto ao SE, conforme a seção anterior, podemos afirmar que o termo remeteria a uma identificação de princípio (em termos de igualdade), entre o desencadeador e o alvo da ação verbal, fenômeno que conhecemos como reflexividade ou o valor da unidade se determina em razão dos modos pelos quais ela é colocada em relação com outras unidades?

Dadas essas questões iniciais, simulemos um diálogo, a fim de observarmos, inicialmente, como agentividade e transitividade não são objetos linguísticos tão bem definidos, ao contrário do que acreditam os estudos lógicos:

-Eliane, você cortou as batatas? Por quê? Prefiro cozinhar elas inteiras.

-Ah, é? Eu preferia o seu pescoço cortado e nem por isso eu comento.

Por essas ocorrências, construímos um esquema ilustrativo a fim de apreendermos alguns traços das operações de base que desencadeiam a formação da primeira parte do enunciado interrogativo:

(1) Eliane [**que tem a propriedade de cortar algo dentre outras propriedades**] cortou as batatas.

(2) Eliane cortou [**algo que tem a propriedade de ser cortado**] as batatas.

(3) [**se era para alguém cortar alguma coisa qualquer**] Eliane cortou as batatas.

Em (1) observamos a construção de Eliane como cortadora de batatas, presunção de agentividade; para (2) observamos as batatas cortadas por alguém, presunção de transitividade, transformação, estado resultante; em 3 observamos a construção do ato de cortar as batatas por alguém, presunção de agentividade e transitividade, ainda não estabilizadas.

Com efeito, as ocorrências do processo cortar são medidas pelas propriedades do objeto do ato de cortar. Logo, é constitutiva, nesse percurso, a possibilidade de que tenha havido algum obstáculo à construção do **modo de ser de alguém que é Eliane**

(Eliane não ter conseguido cortar as batatas porque não se encontrou em Eliane propriedades para tanto ou porque as batatas lhe impuseram resistência ou porque Eliane nem tentou cortar alguma coisa).

Por isso as teorias tradicionais de cunho estruturalista não são conclusivas quando tratam das questões de transitividade, haja vista que o mesmo verbo pode assumir em certos contextos funcionamentos singulares, resultante da determinação de uma representação em curso em diferentes pontos de sua trajetória.

Vejamos algumas anexações, possíveis, para os lugares formais do termo nominal (Eliane) e do termo predicativo (cortar), direcionando nosso olhar para os funcionamentos primitivos ligados às propriedades nocionais que permitem individualizar as ocorrências:

- (4) **É isso! Eliane cortou a carne em cubinhos.**
- (5) **Ontem à tarde Eliane cortou um quilo de carne.**
- (6) **Eliane cortou-se (mas ela não se corta mais).**

Em (4) tratamos da construção de uma ocorrência delimitada em uma porção espaço-temporal. A estabilidade da representação é fundamentada na formatação com valor discreto⁵ da noção, isto é, a noção é individualizada, quantificada. Ou seja, existe algo a ser cortado, e uma vez que esse algo é cortado, o que tinha para se cortar foi efetivamente cortado (estado resultante – carne cortada).

Temos um cortar preciso, delimitado, por uma referência estável, o artigo definido “a” sinaliza a construção da existência de uma ocorrência singular das noções <ser carne> e <cortar>. Por sua vez, o cortar se constrói delimitado em relação ao termo nominal “Eliane” que no contexto enunciativo confirma as propriedades (agentividade, força, impulso) necessárias para impulsionar o processo cortar a uma finalização.

Conforme a compreensão da pesquisadora De Vogüe (1989), a formatação da noção com valor discreto remete a um processo cuja efetivação se verifica como algo validável sem necessidade de recorrer a estabilização espaço-temporal, fato que decorre da perfectividade do processo, ou seja, o estado resultante, além de ser validado, torna-se uma propriedade dos nomes (**Eliane, carne**).

Em (5) observamos a construção de uma ocorrência quantitativa (**o cortar**

⁵ A tipologia “discreto”, “denso” e “compacto” refere o modo do processo. Sarah de Vogüe (1989) apresenta uma ampla fundamentação linguística acerca de tais conceitos.

aconteceu) temporalmente localizada (**ontem à tarde**), um caso de funcionamento denso. A formatação das noções permite-nos inferir que houve corte que se quantifica pela existência de um suporte (**houve o corte de um quilo de carne**). Os termos complementares conduzem à interpretação de que houve um corte. Em seguida, houve um corte específico. Um caso de estabilização parcial da noção <cortar>. A quantidade de corte se determina relativamente ao que pode ser cortável transformado em cortado. Explicitando, teríamos algo como: **Eliane cortou a porção de carne que Eliane cortou. Houve um corte em dado momento e espaço determinado em relação ao sujeito Eliane.**

Por sua vez, em (6) não observamos a construção de uma ocorrência quantitativa (não temos um recorte situacional distinto), mas a predicação de uma propriedade (**Eliane como aquela que corta a si**), um caso de funcionamento compacto.

O compacto passa a intuição de que, no intervalo espaço-temporal de todas as ocorrências de predicação observadas por um mesmo sujeito, o processo cortar se apresenta como algo constante para a predicação de **alguém** (Eliane). Essa intuição de existência subjacente à construção pode vir a ser confirmada ou não pelas modulações do contexto encaixante.

Reiteramos que a intuição de existência não se confunde com a existência da representação. As marcas do enunciado de partida “e precisou interromper o preparo”, por exemplo, deformam a intuição de existência de um modo de ser/existir de Eliane, ratificando a predicação de **Eliane cortou, dentre as coisas passíveis de serem cortadas, a si mesma.**

No funcionamento compacto, o processo de determinação se constrói por operações qualitativas já que as ocorrências não são quantificadas. No caso, sujeito e objeto são colocados em posições simétricas enquanto suporte da propriedade predicada pela noção verbal <cortar>.

O SE é um vestígio das operações de ajustamento entre os sujeitos na construção da situação atual. O marcador equilibra a instabilidade da representação (projeto de existência de representação dado pelo “modo de ser de alguém que é Eliane”) entre os sujeitos e projeta como estabilidade intersubjetiva o valor reflexivo sobre o SE.

Por instabilidade da representação compreendemos o distanciamento entre alguém que “instancia a base nominal das ocorrências de predicação observadas por

um mesmo sujeito no preconstructo (aquelas que o enunciador acredita serem as do seu interlocutor) e o sujeito da representação em construção no intervalo de espaço-tempo da situação atual” (PRIA, SOUZA, 2019, p. 182).

Os exemplos ilustram que tomar classes morfolexicais com valores a priori, não é ingênuo e sim coerente com um projeto fundamentado quer na realidade física quer numa realidade transcendente⁶. Temos funcionamentos que se delineiam a cada construção. As tipologias de discreto, denso e compacto não correspondem a uma nova categorização, mas ao movimento criativo e também regulador que possibilita as condições iniciais da constituição dos enunciados. Por isso, estamos enfatizando, uma vez mais, que os textos dão por conhecer a trajetória de construção das representações, os caminhos possíveis de estabilização de valores que se determinam na situação enunciativa. Toda produção textual, por mais “simples” que seja, não corresponde a uma ocorrência textual isolada. As formas significam porque estão ancoradas em um determinado eixo de coordenadas espaço-temporais e intersubjetivas, isto é, na situação de prática de linguagem dos sujeitos.

Depreendemos, então, que noções gramaticais como agentividade e transitividade da forma como se descreve nos estudos com enfoque no aspecto estático são passíveis de questionamento, por não encontrar sustentação do ponto de vista da construção da significação na atividade languageira. Vamos ilustrar essa intuição com as seguintes ocorrências:

(7) **A mão quebrada de Eliane impossibilitou-lhe de cortar as batatas.**

(8) **As batatas podres impediram que Eliane as cortasse.**

(9) **Que mentira que Eliane cortou as batatas! Ela não tem competência para isso.**

Em (7) as propriedades agentivas que se intuiria atribuir ao termo Eliane não são suficientes para deslanchar o processo cortar e conduzi-lo a uma finalização. A alteridade (outro, o mesmo) cria dificuldades. A quebradura na mão exerce força contrária à finalização do processo. Por meio de uma avaliação qualitativa, estabiliza-se que o estado de ser quebrada da mão exerce mais força causal que a força que se intui na origem do processo cortar.

Já em (8) observamos, novamente, a alteridade (outro, outro) criando

⁶ Formulação elaborada por Albano Dalla Pria (2022) em um momento de orientação com a autora do artigo.

dificuldades. O modo de ser de batatas (podres) tem mais força causal que a força colocada na origem do processo, isto é, novamente não se encontraram em Eliane propriedades agentivas suficientes para a obtenção de estados resultantes para o processo cortar.

Por fim, na ocorrência (9) a projeção de atribuição de propriedades agentivas ao termo nominal Eliane é totalmente eliminada. As marcas aspecto-modal (grande mentira, não tem competência) questionam o projeto de representação subjacente (<alguém cortar alguém> ou <um ato de cortar para alguém>). A alteridade (outro, o mesmo) coloca obstáculos na origem do processo de predicação, ou seja, o sujeito enunciador, ao observar ocorrências de atribuição da propriedade cortar ao termo Eliane, não encontra um grau de conformidade para avaliar tal predicação como adequada.

Na esteira de Rezende (2000, p. 196), queremos enfatizar que, em nossa reflexão, “Eliane”, sujeito do enunciado, é um “nome para o qual predicados ou propriedades são atribuídos, uma única vez (leitura específica), várias vezes (leitura genérica), por um sujeito enunciador, construindo, assim, outros nomes”. As questões de vericondicionalidade (se houve ação de cortar ou não, se foi Eliane ou outro alguém que cortou, se temos coisa cortada ou não, etc.) não fazem parte do escopo da análise. O fato que nos interessa, parafraseando Rezende (idem) é que houve atribuição, uma única vez, por alguém, de **cortar algo a alguém**. O resultado não é coisa cortada por alguém, mas coisa falada, enunciada, todo um esforço colocado em cena em cada ato de predicação.

Em outros termos, as análises que atribuem ao nome (Eliane) agentividade de princípio, medido pela disposição do argumento na cadeia sintagmática não flagra os movimentos de força que são efetuados sobre a relação predicativa (Eliane, cortar, algo). A alteridade ou agentividade, servindo-nos, novamente, das palavras de Rezende (2000, p. 211), “se sobrepõe facilitando, dificultando, em benefício de, em detrimento de, ou ainda, enquanto instrumento, meio, para que a relação predicativa inicial se deslanche”.

Retomemos, uma vez mais, o diálogo simulado, anteriormente, e façamos algumas outras inferências. Na ocorrência enunciativa “as” marca, por um lado, a flechagem de uma ocorrência da noção <ser batata>, de outro lado, situa essa ocorrência em relação a uma situação enunciativa. Por meio dessa operação é trazida à existência alguma coisa que ainda não está estabilizada do ponto de vista

intersubjetivo. O marcador que sinaliza a busca pela estabilização é o ponto de interrogação e a expressão “por quê”.

Se, por um lado, o artigo “as” obstrui o caminho para outros possíveis. Por outro lado, “o seu pescoço”, enquanto marca de alteridade, abre caminho para outros possíveis. A resposta do sujeito Eliane desequilibra o sistema de representações, não só cognitivas, mas também linguísticas do sujeito 1. Essa instabilidade intersubjetiva pode ser observada na pergunta do sujeito Eliane (Ah, é?) e na assertiva, na sequência, que retoma o processo cortar e atribui outra possibilidade predicativa. A alteridade nocional foi questionada pela alteridade intersubjetiva subjacente (outro).

Sintetizando, compreendemos que: a propriedade agentiva não é inerente ao argumento (Eliane) que na retomada da relação <**alguém ter cortado alguém**> ou <**um ato de cortar alguém por alguém**>, determina-se como sujeito do enunciado; a propriedade transitiva (causalidade) não é inerente ao verbo cortar. E o valor reflexivo, seria inerente ao SE? Dada a questão, apresentamos, a esquematização da relação primitiva do projeto de predicado que assegura a interpretação do enunciado de partida (negrito) e, na mesma medida, possibilita a abertura a outros possíveis. Vejamos:

<a R b>
<*alguém ter cortado alguém*> ou
<*um ato de cortar alguém por alguém*>

Podemos derivar do projeto de predicado, acima:

- (10) Eliane se cortou **com vontade** para interromper o preparo do prato.
- (11) Eliane se cortou **de verdade** para interromper o preparo do prato.
- (12) Eliane **espontaneamente** se cortou para interromper o preparo do prato.
- (13) Eliane se cortou **intencionalmente** para interromper o preparo do prato.
- (14) Eliane **de propósito** se cortou para interromper o preparo do prato.

Nos enunciados de (10) até (14), temos ocorrências que reforçam a validação da relação (**alguém ter se cortado é o caso**) e localizam a representação no interior do domínio. As marcas de modalidade apreciativa, “com vontade”, “de verdade”, “espontaneamente”, “intencionalmente” e “de propósito” reforçam o valor reflexivo que se encontra no pronome SE. Já, em enunciados como:

- (15) Eliane se cortou, **mas foi pouco**, para interromper o preparo do prato.
- (16) Eliane se cortou **um pouco** para interromper o preparo do prato.
- (17) Eliane se cortou **de forma leve** para interromper o preparo do prato.

(18) Eliane se cortou **até onde podia** para interromper o preparo do prato.

(19) Eliane **talvez** se cortou para interromper o preparo do prato.

Observamos que as ocorrências sinalizam uma dúvida quanto a validação da relação (**alguém ter se cortado é o caso até certo ponto ou que já não é o caso ainda o sendo**) e localizam a representação na fronteira do domínio. As marcas aspecto-modais, “mas foi pouco”, “um pouco”, “de forma leve”, “até onde podia”, “talvez” reforçam a projeção de transitividade (causalidade) e sinalizam bloqueios a confirmação da reflexividade (projeção de predicado) de SE. A unidade “talvez” pondera que **alguém ter se cortado já não é o caso ainda o sendo**, ou seja, situa a ocorrência em direção ao exterior. Já, as demais marcas aspecto-modais contribuem para que as ocorrências caminhem na direção do interior, em que **alguém ter se cortado é o caso até certo ponto**. Por sua vez, em enunciados como:

(20) Para não interromper o preparo do prato Eliane foi **prudente** e **não** se cortou.

(21) Para interromper o preparo do prato Eliane se cortou **de mentirinha**.

(22) Acredite! **É a mais pura verdade** que Eliane se cortou para interromper o preparo do prato.

(23) Para interromper o preparo do prato Eliane **inventou que** se cortou.

As marcas do contexto encaixante, “prudente”, “não”, “de mentirinha”, “de verdade”, “é a mais pura verdade”, “inventou que”, sob o ponto de vista do espaço topológico, situam as ocorrências no exterior do domínio (**alguém ter se cortado não é o caso**). Encontra-se nesses enunciados uma inadequação de propriedades, seja do lado do argumento que se busca atribuir para um dado predicado, seja do predicado que se busca atribuir ao argumento que impede o deslanchar do processo, conseqüentemente não se valida o projeto de predicado. Embora SE antecipe o valor reflexivo, esse valor é mitigado por outras marcas no contexto enunciativo.

Em face da perspectiva dinâmica, a que sustenta nossa reflexão, estamos mostrando pelos enunciados, de 10 a 23, em relação parafrástica, a “distância entre o ponto para o qual a possível representação da relação predicativa aponta ou direciona e o ponto para o qual a representação construída por meio da relação enunciativa realmente pôde chegar” (REZENDE, 2000, p. 214).

A reflexividade atribuída a SE resulta da dinâmica de contextualizações da unidade com outras formas em um dado contexto. O valor da unidade se determina em razão dos modos pelos quais ela é colocada em relação com outras unidades que podem facilitar ou dificultar a construção de um dado conteúdo de pensamento.

Em outras palavras, dado o projeto de predicado <**alguém ter cortado alguém**> ou <**um ato de cortar alguém por alguém**>, múltiplos caminhos são ativados pela instanciação de noções que podem oferecer ou projetar possíveis resultados. No caso do enunciado reflexivo em questão, o marcador verbal **cortar** instancia um valor de identificação que foi construído por uma diferenciação (**o modo de ser de alguém que é Eliane se determina em relação a um dos diferentes modos de cortar**). O termo SE é anexado na superfície do enunciado para marcar que o termo de partida, que coincide com o termo de chegada, é resultado de uma propriedade experiencial dos sujeitos enunciadorees que intervém no processo de determinação das unidades constitutivas do enunciado.

Em outras palavras, o valor reflexivo está fundamentado na experiência variável dos sujeitos, que projetam tal valor no SE, na situação de produção e interpretação de textos, quer dizer na situação de prática de linguagem dos sujeitos. Isso também justifica casos em que, embora o SE esteja presente no enunciado, não se determina um valor reflexivo propriamente dito, tal como nos exemplos 20 a 23.

O valor reflexivo, descrito na superfície, deriva do mesmo núcleo semântico, com valor ativo (<**alguém ter cortado alguém**> ou <**um ato de cortar alguém por alguém**>). O valor de identidade, na superfície do enunciado, atribuído ao SE, constrói-se articulado com a alteridade (propriedades das noções semânticas; relação entre noções semânticas; relação entre o eu e o outro). Afinal, quando falamos:

(24) Eliane₁ cortar Eliane₂.

(25) Eliane cortar bolo.

A atividade de linguagem sabe que Eliane₁ é igual a Eliane₂? Ou ainda, sabe que Eliane é diferente de bolo? Ou são os sujeitos enunciadorees que sabem que Eliane₁ é igual a Eliane₂ e que Eliane é diferente de bolo e marcam essa igualdade, continuidade com SE na língua?

O enunciado Eliane₁ cortar Eliane₂, tautológico, é importante porque orienta nosso olhar a observar a interação entre sujeito e objeto, não mais tomados como separados. Acreditamos que podemos visualizar melhor essa hipótese com algumas indagações, tais como: Ao se dizer **prato feito, feito** é propriedade somente de prato ou também do sujeito que executa, faz, ou observa outro a fazer o prato? Em **gado sacrificado, sacrificado** é propriedade somente do gado ou também da percepção do sujeito de que gado é algo passível de sacrifício? Em **João doente, doente** é uma propriedade estrita de João ou também resulta da interação do sujeito com o objeto,

isto é, observação de estados de doente e não-doente? Na mesma direção, **Eliane se cortou, se cortou** é propriedade inerente de Eliane ou do sujeito enunciador que observa que, dentre o conjunto daqueles que cortam e daqueles que são cortáveis, as propriedades em questão são passíveis de serem atribuídas a Eliane?

Por fim, no enunciado de partida, “Eliane, enquanto fazia o prato se cortou e precisou interromper o preparo” remete ao projeto de predicado dado por <**alguém ter cortado alguém**> ou <**um ato de cortar alguém por alguém**>, as marcas “e precisou interromper o preparo” marcam a validação da relação (**alguém ter se cortado é o caso**) e localizam a representação no interior do domínio e contribuem para a determinação do valor reflexivo de SE. Não fosse “e precisou interromper o preparo”, ficaríamos na bifurcação dada pelo projeto de predicado <**alguém ter cortado alguém**> ou <**um ato de cortar alguém por alguém**>, aguardando por asserções futuras que validem ou que não validem o projeto de predicado.

Considerações finais

Este texto se propôs apresentar, pelo viés da TOPE, a hipótese de que a reflexividade de SE resulta de uma trajetória que envolve representações heterogêneas, portanto, indeterminadas.

Posto isto, insistimos que o valor reflexivo está fundamentado na experiência variável dos sujeitos, e que esses projetam tal valor no SE, na situação de produção e interpretação de textos, quer dizer na situação de prática de linguagem. Essa compreensão nos possibilitou justificar casos em que, embora o SE esteja presente no enunciado, não se determina um valor reflexivo propriamente dito ou casos em que o valor reflexivo nem se coloca, tal como no exemplo apresentado por Bechara (2001, p.148): “João e Maria se amam”, que o gramático interpreta como “João ama Maria e Maria ama João”, e não como “João se ama e Maria se ama”.

Concluimos que a experiência (variável) dos sujeitos enunciadores com o mundo e com a linguagem resulta na projeção do valor reflexivo sobre o SE, embora nem sempre essa projeção se confirme pela prática de linguagem dos próprios sujeitos que, ao lidar com o empírico (propriedades das noções semânticas; relação entre noções semânticas; relação entre o eu e o outro), em cada situação particular de diálogo, por vezes encontram obstáculos para a construção das suas projeções

acerca de como se encontra organizada a relação entre o mundo (propriedades psicossociais) e a linguagem.

Referências

Almendra, M. A.; Figueiredo, J. N. *Compêndio de Gramática Latina*. Portugal: Bloco Gráfico LDA, 1999.

Bechara, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010.

Coelho, S. F. Breve estudo etimológico do clítico se no português brasileiro. In: Duchowny, A. T. *Pelas veredas da etimologia*. São Paulo: NEHILP/FFLCH/USP, 2016.

Culioli, A. La communication verbale. In: *L'Homme et les autres*. Encyclopédie des sciences de l'homme: l'aventure humaine. Paris: Grange Batelière, v. 4, 1967.

Culioli, A. *Pour une linguistique de l'énonciation*: domaine notionnel. Paris: Ophrys, 1999b. Tomo 3.

Culioli, A. *Pour une linguistique de l'énonciation*: formalisation et opérations de repérage. Paris: Ophrys, 1999a. Tomo 2.

Culioli, A. *Pour une linguistique de l'énonciation*: opérations et représentations. Paris: Ophrys, 1990. Tomo 1.

Franckel, J. J. *Da interpretação à glosa*: por uma metodologia da reformulação. In: VOGÜÉ, S. de. et al. *Linguagem e enunciação*: representação, referenciação e regulação. São Paulo: Contexto, 2011.

Merleau-Ponty, M. *O visível e o invisível*. Trad. Gianotti, J. A.; Oliveira, A. M. São Paulo: Perspectiva, 2014 [1964].

Souza, F. G.; Pria, A. D. A significação do marcador de repente: uma abordagem operatória. *Linguagem*, v. 31, p. 168-179, 2019.

Rezende, L. M. *Contribuições da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas para o ensino de línguas*. In: *Versão Beta: Sob o signo da palavra*, São Carlos, ano VIII, n. VIII, 2010.

Rezende, L. M. A. *Léxico e gramática*: aproximação de problemas linguísticos com educacionais. 320 f. Tese (Livre docência) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara: SP, 2000.

Ribeiro, J. *Grammatica portugueza*. 19. ed. São Paulo: Francisco Alves, 1920.

Said Ali, M. *Dificuldades da língua portuguesa*. 7. ed. Rio de Janeiro: ABL, Biblioteca Nacional, 2008.

Said Ali, M. *Gramatica Elementar da Língua Portuguesa*. 9. ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1966.

Saussure, F. *Curso de linguística geral*. Trad. CHELINI, A. et al. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

Souza, F. G. *Estudo da Marca SE do Ponto de Vista da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas: Contribuição para o Estudo da Transitividade e dos Processos Reflexivos em Língua Portuguesa*. 142 f. Doutorado (Tese em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres: MT, 2022.